



Uranium Hex, Sandra Lahire (1986). Cortesia LUX, Londres.

Seminário

Victoria Brooks

I Burn the Way Money Burns: 1980s Experimental Feminist Film

07.07 | 11h00 às 14h00
15h00 às 17h00

O poema “The Breast”, de Anne Sexton, termina com a frase “I burn the way money burns”, sugerindo a natureza complexa e contraditória da natureza do desejo feminino, apontando, especificamente, para o papel estruturalmente imposto a que pertence – não só de amante, mas de zeladora e mãe. Os cinco filmes, selecionados a partir de uma década de produção audiovisual contida nos arquivos de filmes de artistas britânicos que fazem parte da LUX e da Cinenova, vão além do confronto com essa natureza dual do trabalho da mulher. Através da experimentação formal do som e da imagem, também perspetivam o que Lis Rhodes descreve como “geometry of creeping lines”, que inscrevem a relação social de reprodução no próprio espaço. Lutando com essas múltiplas escalas temporais do trabalho feminino, estes filmes recorrem a uma vasta diversidade de técnicas para dar uma forma visível à dificuldade real de representar o trabalho doméstico e o tempo não remunerado. Através das lentes de uma câmara “genderizada”, focam detalhes e padrões desses processos subjacentes de modo a oferecer imagens inovadoras do quotidiano e dos padrões intermináveis do trabalho no feminino. Estes filmes, raramente exibidos, serão visionados e colocados no contexto internacional do feminismo britânico, italiano e das diásporas, com particular ênfase nas pioneiras teorias italianas do trabalho doméstico emergentes nos anos 70 e nas teorias feministas do espaço associadas ao pensamento de Doreen Massey e Giuliana Bruno.

Victoria Brooks trabalha como curadora de projetos de “time-based art” no EMPAC do Rensselaer Polytechnic Institute (Nova Iorque), onde comissariou: Andros Zins-Browne + Karthik Pandian, Charles Atlas, Silas Riener + Rashaun Mitchell, Isabelle Pauwels, Lucy Raven, Rosa Barba e Tarek Atou, entre as recentes e próximas apresentações. É cofundadora (com Evan Calder Williams e Lucy Raven) do coletivo de pesquisa e produção Thirteen Black Cats, e é curadora residente no LUX (Londres). Em 2013 iniciou The Jaffe Colloquia, série de seminários em torno da condição e perspetivas das “time-based arts”. Antes do seu trabalho no EMPAC, fundou, com Andrew Bonacina, a plataforma curatorial itinerante The Island, foi cocuradora do programa mensal de filmes de artistas na Serpentine Gallery (Londres), e programadora regular na Calder Foundation e na artnoair.org (ambas em Nova Iorque).

A inscrição é gratuita e pode ser feita pelo telefone **21 352 11 55** ou pelo endereço electrónico **maumaus@mail.telepac.pt**. Inscrições limitadas ao número de lugares disponíveis.

Maumaus

**Campo dos Mártires da Pátria, 100, 1º esq.
1150-227 Lisboa**

Evan Calder Williams

Shard Cinema

08.07 | 11h00 às 14h00
09.07 | 11h00 às 14h00

Partindo da recolha e pesquisa para o seu próximo livro, *Shard Cinema*, uma arqueologia das imagens em movimento contemporâneas através das tecnologias, técnicas e o trabalho que as articula, Evan Calder Williams argumenta que, com a crescente proeminência da composição digital, as imagens em movimento estão a sofrer uma mudança tão significativa como os progressos técnicos do passado: o movimento de câmara, o som ou a cor. A composição digital levou ao colapso da alegada separação entre cinema e animação, que Williams considera como um enquadramento crucial através do qual as imagens em movimento foram lidas durante o século XX. Williams posiciona-se contra a corrente dominante de que os filmes, os videojogos e os espetáculos digitalmente manipulados são menos “reais”, por não serem rodados nos locais e, conseqüentemente, menos capazes de revelar as estruturas sociais e espaciais do capitalismo. O autor afirma o oposto: o modo como essas imagens revelam – e abordam – os seus próprios processos de criação, mostra-nos uma relação triangular, particularmente forte, entre produção, produto e trabalho de bastidores. Desta forma, estas imagens são parte de uma difusa “educação estética” em que somos ensinados a atribuir sentido a uma extraordinária montagem de dados, dinheiro, tempo e técnica, constituindo um novo paradigma visual em que o fluxo de trabalho e a obra de arte são cada vez mais semelhantes.

Evan Calder Williams é escritor, teórico e artista. É o autor de “Combined and Uneven Apocalypse” e “Roman Letters”, assim como de dois livros que tem no prelo para 2015, “Shard Cinema” e “Donkey Time”. Contribuiu com textos para as publicações: Film Quarterly, The New Inquiry, Historical Materialism, La Furia Umana, The Italianist, World Picture e Third Rail, e colabora como editor para a Viewpoint Magazine. Apresentou filmes, performance e trabalhos sonoros na Serpentine Gallery (Londres, 2014); Montreal International Festival du Nouveau Cinéma (2014); Artists Space (Nova Iorque, 2013); Tramway (Glasgow, 2012); e no Whitney Museum (Nova Iorque, 2012), entre outros locais. Durante 2015 é artista residente no ISSUE Project Room (Nova Iorque) e leciona no Bard College’s Center for Curatorial Studies (Nova Iorque). Williams é cofundador (com Victoria Brooks e Lucy Raven) do coletivo de pesquisa e produção Thirteen Black Cats.

Estrutura financiada

Produção

Apoio

